

PENTECOSTALISMO HITECH: UMA JANELA ABERTA, ALGUMAS PORTAS FECHADAS

Gedeon Freire de Alencar¹

RESUMO

A presença, necessidade e uso da web por pessoas, empresas e governos é total, mas os processos de adesão são distintos. Isso se complexifica ainda mais nas expressões religiosas. Majoritariamente refratárias à mudança, algumas são mais radicais quanto a adesão aos valores modernos, algumas, no entanto, extremamente suscetíveis. Todas aderiram a algum tipo de tecnologia *hitech*, mas não necessariamente aos seus valores. Particularizando, uma expressão do pentecostalismo, os processos são lentos, contraditórios e seletivos. *A Igreja Pentecostal Deus é Amor* proíbe – dentre muitas coisas – sua membresia possuir ou assistir TV, mas tem um portal na internet. Aderiu à modernidade tecnológica exercendo um controle absoluto sobre a vida dos membros em total isolamento de qualquer manifestação cultural moderna. É uma das igrejas mais fechadas, interna e externamente, do universo pentecostal, mas está na web. Ela é uma mostra de que o moderno e o arcaico podem ser antinomias, mas também, dialeticamente, a síntese da realidade.

Palavras chaves: pentecostalismo, tecnologia, internet, modernidade.

¹ Doutorando em Ciências da Religião, na PUC-SP.

INTRODUÇÃO

O vírus da modernidade cibernética, inexoravelmente, alcançou a todos, mas o *download* é lento, às vezes, interrompido e, principalmente, seletivo. “Contaminados” de fato estão todos e tudo, mas os processos de adesão são distintos. A web, literalmente, conecta o mundo, no entanto, mesmo empresas e governos têm limites – inerentes, auto-impostos ou convenientes - de conexão. As religiões não seriam diferentes. Os problemas vão dos mais concretos como financeiros e estruturais, aos mais abstratos como os filosóficos e teológicos. Ter site, estar na web e se conectar, não é o problema e não é objeto de questionamento, a questão é *por quê* (a razão justificadora na/da web), *como* (o modelo do portal e seus aspectos técnicos) e *pra quê* (qual a finalidade). Nisso, sim, há muitas diversificações. E mais grave ainda, para grupos religiosos absolutamente refratários às mudanças e modernidades, profundamente adversários de todas as modas e modismos. De forma mais genérica, por quê e como, grupos religiosos tão resistentes à modernização de suas comunicações, tão conservadores em suas posturas institucionais, excessivamente ciosos de avanços e da adesão de sua membresia em quaisquer outras áreas, estão sendo induzidos à internet com tanta facilidade? Mais do que simplesmente resistentes, eles são contrários, negadores e satanizadores dos ideais modernos. Por quê, como e também para quê, por exemplo, a *Igreja Pentecostal Deus é Amor - IPDA*, apesar de ainda manter interdições extremadas e rigorosas na área comportamental da política, sexo, vestuário, esportes, etc., aos seus membros e clero, tem uma postura aparentemente moderna em seu site? Aliás portal.

A web é, simultaneamente, o melhor e o pior dos mundos? A solução e o desastre? A salvação e a destruição? A janela do mundo, o melhor modelo de comunicação já inventado e também, o mais complicado? O céu e, como é chamada em alguns círculos religiosos, a *infernet*? É

simbolicamente a concretização do céu, mas ironicamente, e não mera simbologia, mas de forma real e concreta, também o inferno, gerando doenças, vícios, terrorismos, pornografias, enfim, o reinado do mal?

Este artigo tem duas ênfases. Uma análise filosófica do ideal evangelístico da missão universalizante cristã. A mensagem salvadora é para todos e em todos os lugares, segundo os textos do evangelho. Nisso, portanto, está embutida uma questão de temporalidade e espacialidade universal. E uma análise mais sociológica da relação do pentecostalismo com a modernidade, mais especificamente na adesão da IPDA com a web. Afinal é uma das igrejas mais fechadas para o mundo (proíbe, inclusive, toda e qualquer relação de seus membros com outras igrejas, mesmo as pentecostais); ademais, de membresia pertencente às classes C e D.

I. O PROJETO UNIVERSALIZANTE DO CRISTIANISMO

*“Ide por **todo o mundo** e pregai o evangelho a **toda a criatura**”,
Jesus Cristo*

A web, igual ao divino na teologia cristã, é onipresente, onisciente e onipotente; ela tem os mesmos atributos. *Onipresente*, ela está em todos os lugares e em todos os momentos; *onisciente*, ela sabe de tudo o que existe, e só existe porque se encontra nela; *onipotente*, ela pode tudo. Ou nela ou por ela, se pode tudo. De início, era apenas um meio alternativo de comunicação para emergência de uma guerra. Depois foi assumindo posições e funções originalmente inimagináveis. A ponto de ser impossível hoje se pensar em qualquer realidade – econômica, política, empresarial, médica, esportiva, etc. – sem a presença da web. Também, por que não, na religião.

Algo muito curioso aconteceu no universo evangélico quando a internet ainda era apenas um vislumbre do um “admirável mundo novo”. Houve uma disseminação fascinante de que, agora através da web, o mundo todo - *todas* as pessoas em *todos* os lugares e em *todos* os tempos - poderia ser evangelizado.² Conquanto, na prática, isso ainda não tenha acontecido, teoricamente, sim, isso é possível. Possível, fácil, viável, rápido e barato. Teoricamente, sim. Conquanto, na prática, difícil, demorado, humanamente impossível e, muito, muito caro. Essa ambiguidade fascinante ainda se mantém.

As religiões, quase na sua totalidade, falam, desejam, pregam, asseguram e existem em função do eterno - tenha isso o nome de nirvana, reencarnação, céu, shangri-la ou paraíso. Muda o nome da coisa, a definição, os critérios de alcançá-lo, os eleitos para o mesmo, a duração, a mobília, a temperatura, o local, o estado, o tempo, ou mais folcloricamente, o número de virgens lá presentes..., mas o que interessa no final (não de fim, mas de finalidade) é a *eternidade* – seja lá o que isso signifique. Eternizar-se é um desejo humano. Ser eterno, teoricamente, não ter começo nem fim, estar fora ou para além do tempo, é uma forma, clara, precisa e segura, de ter domínio sobre a realidade. Descrever, definir e dominar o passado, o presente e, principalmente, o futuro, afinal é o grande objetivo de todos os elementos “portadores de sentido”: seja a família, a sociedade ou Governos. E as religiões, originalmente, sempre foram as mais poderosas “forças de sentido” (Berger, 2004) e, em alguns momentos, as únicas. Ainda agora, continuam lutando com todas as suas forças para permanecer no páreo. E a internet, atualmente, é um dos principais palcos desta luta.

² Ouvi muitas pregações sobre isto.

Dois mitos antigos, talvez, nos ajudem a entender este desejo inerente da natureza humana. O mito grego do Prometeu que, junto com seu irmão Epimeteu, são responsáveis pela criação dos homens e animais. Os homens, no entanto, são esquecidos na distribuição dos dons, então Prometeu rouba o fogo dos deuses para dar aos homens. Como castigo, Zeus manda acorrentá-lo e seu fígado é comido pelos corvos, mas, diariamente, o mesmo se regenera. As ideias, implícita da perenização do conhecimento e do tempo e explícita do desejo inerente disso pelo humano, são óbvias neste caso.

No mito da criação do Gênesis bíblico, logo nos primeiros dias, os seres humanos empreendem a construção de uma torre que ligue o céu à terra. Segundo o texto de Gênesis capítulo 11, versículos de 1 a 4:

No mundo todo havia apenas uma língua, um só modo de falar. Saindo os homens do Oriente, encontraram uma planície em Sinear e ali se fixaram. Disseram uns aos outros: “Vamos fazer tijolos e queimá-los bem”. Usavam tijolos em lugar de pedras, e piche em vez de argamassa. Depois disseram: ‘Vamos construir uma cidade, com uma torre que alcance os céus. Assim nosso nome será famoso e não seremos espalhados pela face da terra.

Para além da tecnologia da construção, da organização urbana, do projeto de alcançar o céu, a objetivação subjetiva mesmo, é ser famoso. “Ver e ser visto”, não é, afinal, a maior necessidade do momento? Daí o sucesso das redes de relacionamentos como *Orkut, Facebook, Twitter, MySpace* e da praga mundial do *Big Brother*. Os valores da Babel antiga, desejo de fama e uma língua em comum, nunca estiveram tão na moda e não foi, como se pensa, invenção dos *reality show*. Os babilenses fizeram escola.

Todos os grandes impérios e seus respectivos “donos” construíram muralhas, torres, pirâmides, catedrais como esforço de se eternizarem. Tal como, nas redes de relacionamentos modernos, todos querem se inserir na realidade, de forma a serem vistos e ouvidos. Estar na rede é existir; ou inversamente, se uma pessoa não for encontrada em alguma rede de

relacionamento é por que ela não existe. Preferencialmente, existir a despeito do tempo e do espaço. Existir eternamente. Pois como dizem, se procurar no *Google* e não existir é por que não existe. Dar um Google é fazer existir!

O grande desejo, enfim, e o afã da eternização podem, agora em nosso tempo, ser viabilizado. Durante séculos, as mais diversas religiões falaram, objetivaram, prometeram, guerrearam por isso; desde que o mundo é mundo se idealizou este tempo e este lugar. Aliás, este local tem um nome - *utopia*. No grego, literalmente, “um lugar ainda não existente”. Utópico, portanto, é o possível, mas ainda não viável; real, mas ainda não factual. O sonho é antigo e persistiu em todas as civilizações. E as religiões, teoricamente levaram vantagens dadas suas características intrínsecas de transcendentalidade, pois o céu, o nirvana ou a reencarnação - se existem ou existiriam, quem haveria de tê-las, ou saber o caminho, ou de deter as formulas de implementação, senão suas presumíveis fundadoras? Religião e eternidade pretendem ser sinônimas. Mas, parece, alguma coisa saiu do *script* neste enredo. Não foram as religiões objetivamente quem produziu – e não apenas prometeu – uma realidade virtual. Foi a ciência. A ciência prometeu e realizou. Mais precisamente a tecnologia.

Como nos ensina Weber (2002) em seu clássico texto *Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções*, não é sem motivo, portanto, que as esferas sociais³ e os ideais religiosos se encontram e se desencontram; ou usando seus termos originais, estão em *tensão* e *concessão*. Esta relação conflituosa da religião e modernidade, não acontece sem idas e vindas; adequações e rupturas. Portanto, o positivismo científico em

³ As esferas sociais autônomas e interdependentes são a economia, política, estética, erótica e a intelectual.

seu determinismo histórico é questionado por Weber⁴, porque a realidade não é homogênea e não caminha progressivamente para um futuro único. Ironicamente, na tecnologia temos agora o “determinismo tecnológico”, onde no livro *A Era das Máquinas Espirituais* (1999), Ray Kurzweil, projeta um futuro promissor, como por exemplo, de que em 2025 o computador ultrapassará o cérebro humano e em 2060 o mesmo poderá ser escaneado.⁵ A exemplificação é propícia aqui na questão da *cibercultura*. Não estamos todos indo, e em um só conjunto, para o paraíso cibernético do *Show de Trumam*, mas igualmente também não afundando na nulidade do apocalíptico mundo do *Mad Max*.

Os mitos precisam de interpretação e de reinterpretação (Sthal, 2002). A ideia universalizante do evangelho é produto cultural de uma época, mas dialeticamente também altera esta realidade. Neste caso, a realidade virtual é lida, consciente ou inconscientemente, como uma oportunidade para a pregação escatológica do evangelho. Pois, como registra Mateus 24:14: “E este evangelho do reino será pregado no *mundo inteiro*, em testemunho a *todas* as nações, e então virá o fim”.

II. TEMPORALIDADE E FIM DOS TEMPOS

“Sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra”
Atos 1:8.

A ideia de infinitude do tempo não é original do cristianismo, os gregos já haviam pensado nisso antes, aliás, uma das marcas helênicas do

⁴ No último parágrafo da *Ética Protestante*, ele diz que a “interpretação causal unilateralmente materialista” poderia ser válida se fosse uma das respostas, não a conclusão. (Weber, 2004 p.167).

⁵ Evidentemente que este resumo é uma simplificação do pensamento de Kurzweil, mas uma crítica de suas ideias é feita por Sthal (2002).

cristianismo. A cosmovisão do mundo antigo é invariavelmente cíclica, o óbvio para civilizações agrícolas - a oriental mais ainda -, dada a influência hindu e confucionista da ideia do carma. A realidade cíclica é um “eterno retorno”, viável para uma mentalidade agrícola e sazonal.

Conquanto a ideia de um tempo infinito, transcendente, de um tempo fora do tempo, há no cristianismo, algo que se distancia da ideia cíclica antiga, pois há também um tempo crescente, utópico, que vai se concretizar no final. “*O reino de Deus está em vós; o reino de Deus que virá*”; “*aquele que era, que é e que há de vir*” Apocalipse 1:8. Daí, a especificidade escatológica⁶ do cristianismo paulino.⁷

Helenismo e dualidade à parte, uma marca fundante do cristianismo missionário, portanto, proselitista, é a ideia de urgência do tempo e finalidade. Final. Como uma “religião de salvação” (Weber) e com pretensão universal, o tempo é elemento importante. “Ide por *todo* o mundo”, “quando este evangelho for pregado em *todo* o mundo. Então virá o fim”. Esta simultaneidade de tempo – *tanto em, como em* – para apressar o “fim”, é uma “febre escatológica” que se exacerba em momentos críticos do mundo. As passagens de séculos foram, invariavelmente, tempos propícios para messianismos e surgimento de grupos apocalípticos.⁸ Períodos de guerras e grandes crises, como no início do século XX, foi o espaço de proliferação do pentecostalismo moderno (Alencar, 2000).

A pretensão de “transcendência tempo-espaço” era religiosa, não custa lembrar, mas foi alcançada pela ciência; mas também não custa lembrar,

⁶ Doutrina das últimas coisas.

⁷ Escatologia marcada pela dualidade grega e, fundamental para a delimitação deste tempo e espaço, vista claramente, por exemplo, na paradigmática obra de S. Agostinho, “*Cidade de Deus*”.

⁸ Dois exemplos típicos de grupos apocalípticos são as *Testemunhas de Jeová* e os *Adventistas*, ambos surgidos na passagem dos séculos XIX para o XX.

ciência moderna filha (legítima ou bastarda, mas filha) do cristianismo ocidental. Mais precisamente do protestantismo ascético, como o Pierucci (2003:219), aponta em seu exegético estudo do conceito weberiano. Weber diz que há o “desencantamento *pela religião* (sentido a), e desencantamento do mundo *pela ciência*” (sentido b); a religião na modernidade, portanto, não desaparece, mas se moderniza.

III. RELIGIÃO IMPLÍCITA E INTERNET

Religião e internet poderiam – e deveriam – andar juntas? Sim e não. Internet é o supra sumo do que existe da mais plena autonomia. Funciona a partir da mais ampla e total possibilidade de decisão pessoal e autônoma, independente do horário e do local. Se materializa de forma anárquica sem limites, sem poderes e dirigentes oficiais. Visceralmente contrário ao que diz de religião enquanto um modelo de conduta regrada e obediente a uma instituição ou ser divino. Portanto, teoricamente, são incompatíveis. São, mas nem tanto.

Questão fundamental: a religião foi a única produtora de sentido durante quase a história da humanidade, mas na modernidade ela perde esta primazia, pelo menos no Ocidente. Portanto, para além do discurso simplista dos defensores do “mundo sem religião” ou da “morte da religião” ou “morte de Deus”, a questão é, inclusive, quem, como e por que, neste mundo secularizado vai dá sentido, vai normalizá-lo, vai fundamentar seus valores? Inclusive como a religião vai se manter e se comportar neste mundo? Ademais, agora dentro de um contexto de pluralismo religioso ela está disputando espaços com outros elementos, quase sempre mais fortes que ela – e na internet essa disputa fica mais acirrada. Religião é, como qualquer outro, apenas um dos produtos simbólicos neste mercado.

A realidade social se realiza agora de forma autônoma. Autonomamente humanizada. E se constrói dialeticamente. E a religião, como os demais bens materiais e não materiais, entra com funções

específicas, também ela agora precisa ser legitimada e ter plausibilidade (Berger, 1973). Portanto, em um mundo virtual a religião mais do que nunca precisa se legitimar no espaço da virtualidade.

Explicitamente, um site religioso é uma expressão óbvia, definitiva e oficial da religião que o construiu, portanto, um site pode, sim, ser uma manifestação religiosa – tanto implícita como explícita. Evidentemente, alterou se muito do modelo que se entendia como um rito religioso padrão ao longo da história. Mas talvez a questão original e anterior seja a própria definição de religião, algo, aliás, de debate antigo e, parece inconciliável, pelo menos para os pais da sociologia, pois se Durkheim⁹ define com precisão, Weber¹⁰ não acredita que isto seja possível ou necessário. Conquanto, ambos concordem que ela seja um fenômeno humano. Em nossos tempos, portanto, humano e moderno.

A questão da secularização. Da secularização religiosa

Na definição de Berger, secularização é “processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos (Berger, 1985:119).

Óbvio: no presente, a religião não tem mais domínio sobre a realidade. Óbvio, mas tão simplista e definitivo assim. Não tem mais domínio total e absoluto, mas ainda tem. Perdeu muito, mas não totalmente, e ressurgiu de formas inusitadas e, às vezes, confusa. Tanto para ela mesma, como para a realidade. Portanto, as “profecias” da emancipação humana e do desaparecimento da religião se cumpriram em partes. As religiões, ou as religiosidades, renascem, se reinventam, se intercalam e permanecem.

⁹ “Religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todas que a ela aderem” (1989:79).

¹⁰ “Uma definição daquilo que “é” religião é impossível no início de uma consideração como se segue, e, quando muito, poderia ser dada no seu final” (1998:279).

Daí, aspectos religiosos ou de religiosidade em ambientes e fenômenos, teoricamente, impossíveis. Como, por exemplo, no futebol e na política. Um secularismo místico ou mistificado. Chamemos isso de “religião civil”, “religião secular”, “parareligião”. A fragmentação dos valores religiosos em sua pluralidade e diversificação pode, então, se infiltrar disseminando sua religiosidade – implícita ou explícita – em distintos espaços. O ideal funcionalista da religião, pode ser manifestado em outras instancias, mas permanece.

IV. PENTECOSTALISMO¹¹: MODERNO, MODERNIZANTE E MODERNIZADO?

O debate é antigo: o pentecostalismo é uma expressão moderna ou arcaica? Já em 1977, o antropólogo Rubens Cesar analisa a questão de o protestantismo somado a sua dependência estrangeira é igual a descontinuidade cultural; já o pentecostalismo igual a autonomia nacional é igual a continuidade com a cultural local. Mais recentemente, Decio Passos (2001), vê o pentecostalismo brasileiro como uma contínua expressão da religiosidade brasileira, portanto, uma nova versão do catolicismo popular. Independente de questões mais políticas ou teológicas, a questão central é como o pentecostalismo lidou, ou lida, com a modernidade. Sim, o pentecostalismo, enquanto fenômeno social, tem características modernas: é urbano e individual. Nasceu em espaços urbanos e, muito em função de sua adequação urbana, cresceu.

¹¹ Segundo a teoria das ondas de Paul Freston (1993), o pentecostalismo, no Brasil, é dividido em: 1ª. Onda: Pentecostalismo Clássico: *Congregação Cristã no Brasil* (1910) e *Assembléias de Deus* (1911)908cd; 2ª. Onda: *Igreja do Evangelho Quadrangular* (1953), *Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo* (1958), *Igreja Pentecostal Deus é Amor* (1962); 3ª. Onda: Neopentecostalismo: a partir da década de 80, são inúmeras as igrejas, das quais a *Igreja Universal do Reino de Deus* (1977) é a principal.

Desde seu início, na passagem do século XIX para o XX, usa o que há de mais moderno em comunicação, como rádio¹² e jornais¹³. Portanto, aderir à internet na passagem do século XX para o XXI não é nada extraordinário. Modernas e modernizadas as igrejas pentecostais no início, são vanguardas também na questão racial e de gênero; no Brasil e EUA, tem líderes negros e mulheres, aliás, isto é a razão de muitas perseguições (Alencar, 2000; Campos, 2005). No entanto, o processo teve retrocessos. O pentecostalismo brasileiro, como qualquer outra expressão religiosa, também tem muita dificuldade em lidar com *valores* modernos (Alencar, 2005); aceitar a tecnologia moderna é fácil, mas aderir aos valores modernos, não é tão simples. As ADs, por exemplo, na primeira fase¹⁴ do pentecostalismo clássico em 1917 tem jornal e, na década de 20, mulheres no pastorado, mas na década de quarenta os membros são disciplinados¹⁵ por terem rádios, e nos anos seguintes é contra a TV. Somente nos últimos anos amenizou suas interdições, mas como é um nome único para inúmeras igrejas distintas, estas e outras proibições ainda permanecem.¹⁶

a) As classes C e D vão ao paraíso:

Segundo o Censo do IBGE em 2000¹⁷, 15,41% da população era evangélica, totalizando 26.184.941 de pessoas, das quais 17.617.307 seriam

¹² Em 1922, nos EUA, Aimee Semple McPherson (1890-1944), iniciou um programa de rádio.

¹³ No Brasil, o primeiro jornal é de 1918, *A Voz da Verdade*, em Belém do Pará.

¹⁴ As ADs, no Brasil, nascem em 1911. Divido sua história em Movimento Pentecostal – 1911-1948; 2ª. Fase: Instituição Pentecostal – de 1948 a 1988; 3ª. Fase: Corporação Pentecostal – 1988-2011 (Alencar, 2000). Correspondente a “teoria das ondas” de Paul Freston (1993).

¹⁵ “Ser disciplinado”, em uma igreja evangélica é sofrer alguma penalidade que abranje: da proibição temporária de participar de cultos, grupos musicais, reuniões diversas à exclusão definitiva.

¹⁶ Um texto que discute amplamente este “novo pentecostalismo” é de Mariano (1999), e uma análise específica sobre as mudanças nas ADs é de Marina Correa (2006).

¹⁷ Disponível em: <WWW.ibge.gov.br> acesso em: 27 abr. 2010.

pentecostais. A IPDA é uma igreja pentecostal da *segunda onda*, fundada pelo missionário Davi Miranda, em 03 de junho de 1962, em São Paulo. Em 2000, tinha 774.830 membros, sendo assim, a sétima igreja evangélica e a quinta maior igreja pentecostal. Então, sua membresia é 0,46% da população e 4,39% dos pentecostais no Brasil.¹⁸

Todas as pesquisas no Brasil identificam o pentecostalismo, com perfil sócio econômico presente nas classes mais baixas da população, tanto ao nível de escolaridade como econômico. A IPDA, ainda mais. Estaria presente, então, nas chamadas classes C e D¹⁹, as classes com menor poder de consumo em geral, principalmente de eletro eletrônicos; portanto, as últimas a ter acesso a web. Não haveria, então, nenhuma “racionalidade econômica” na IPDA ter site. Não havia, mas agora há. E muito.

É exatamente nas classes C e D onde, atualmente, o consumo de internet e eletroeletrônica, em geral, mais crescem no Brasil.²⁰ Segundo pesquisa divulgada pelo IBOPE, no mês de março/2010 havia no Brasil 67,5 milhões de brasileiros com acesso à internet e o crescimento do acesso, contabilizado de pessoas com mais de 16 anos, foi de um milhão e meio nos últimos três meses. A entrada da classe C é o principal contingente deste aumento.²¹ E como, mais de 90% das empresas já está conectada, o que mais interessa e cresce, neste caso, é o acesso domiciliar. E aqui entram os membros da IPDA. “Conforme pesquisa da FGV, a chamada “Classe

¹⁸ O IBGE não faz estimativa de religiões, portanto, não temos dados mais atualizados. Há instituições evangélicas como *SepalPesquisas* e *MAI* que fazem estimativas diversas. O DataFolha estima que, atualmente, 25% da população seja evangélica, algo em torno de 46 milhões e deste total 70% são pentecostais.

¹⁹ As categorizações de classes sociais A,B,C e D, são definidas a partir da renda. Classe A/B – R\$ 4.807,00 e acima. Classe C, renda de R\$ 1.115,00 a 4.807,00; Classe D, renda de R\$ 804,00 a 1.115,00 e Classe D renda de até R\$ 804,00. A classe C encolheu 53,6, de dezembro de 2002 a dezembro de 2008, “*Classe C puxa novo padrão de consumo*”, *Folha S. Paulo*, 18/04/2010, Caderno B17.

²⁰ Ainda mais agora, se o Governo Federal conseguir universalizar a banda larga.

²¹ Fonte IBOPE, 31.03.2010), o Brasil é o quinto país do mundo em número de conexões no mundo. Um total de 97% das empresas estão conectadas e 23,8% dos domicílios.

Média Brasileira” já engloba 53,8% da população (estimados em cerca de noventa e nove milhões de pessoas) e consome cada vez mais e com qualidade, devido, principalmente, ao acesso facilitado ao crédito e a programas de distribuição de renda do governo federal.²²

b) IPDA: o fascínio é forte, mas o *download* é lento:

Segundo a pesquisa de Airton Jungblut (2009:3) há dez anos a presença dos evangélicos na internet é “bem mais visível do que a de qualquer outro grupo religioso”, tanto de páginas institucionais como pessoais. Isto explicaria perfeitamente a militância aguerrida dos grupos novos – do pentecostalismo de *terceira onda* – na forte concorrência midiática na TV, rádio e, agora, de fundamental importância na web. Mas este internauta evangélico militante, escolarizado, autonomizado, classe média com acesso à internet de dez anos atrás (e ainda hoje), não é o perfil do membro da IPDA.²³ Este internauta era classe A ou B; a partir de agora, porém, as classes C e D, sim, entram no mundo virtual.

Para além de uma questão puramente sócio econômica, temos uma outra de cunho mais sócio religioso. O fiel da IPDA é absolutamente controlado por um *Regimento Interno- RI*, rigoroso de interdições de todos os seus passos. A exceção de ouvir no rádio o programa *Voz da Libertação*, quase todas as demais possibilidades de comunicação com o “mundo” lhe são proibidas. Vejamos por exemplo o que diz o RI, que é publicado no livreto **Credencial de Membro**²⁴ - 2004-2006, página 42.

²² Disponível em: <www.ibope.com.br> acesso em 29 abr. 2010. “*Raio X da classe C brasileira*”.

²³ Segundo Jungblut (2009:7), o evangélico é mais presente na internet, porque: 1. tem uma cultura literária em sua fé; 2. É proselitista militante; 3. Tem autonomia identitária. Teoricamente sim, isso pode ser aplicado aos evangélicos em geral, mas há grupos evangélicos de tradição oral (CCB), visceralmente anti proselitista (idem, CCB e grupos calvinistas) e diversos outros, onde não há autonomia de identidade, como a IPDA, por exemplo.

²⁴ Existe também a Credencial do Obreiro, que é bem mais abrangente e muito mais rigorosa.

TELEVISORES E VIDEO CASSETES (G-3):

1. PESSOAS QUE POSSUIREM ESSES APARELHOS EM SUAS CASAS NÃO PODERÃO SER MEMBROS OU OBREIROS, EXCETO QUANDO OS MESMOS PERTENCEREM AO CÔNJUGE NÃO CRENTE OU FILHOS MAIORES DE 14 ANOS, TAMBÉM NÃO É PERMITIDO INSTALAR DISPOSITIVOS EM COMPUTADORES PARA SINTONIZAR CANAIS OU PROGRAMAS DE TV.
2. PESSOAS QUE ASSISTIREM PROGRAMAS DE TV OU FILMES MUNDANOS DE VIDEO CASSETE, EM DVD E EM ARQUIVOS ELETRÔNICOS TAIS COMO MPG OU AVI:
MEMBROS: 60 DIAS²⁵
OBREIROS: 120 DIAS
(VER G-O²⁶)

OBSERVAÇÃO:

É PERMITIDO TER FILMADORA OU PROJETOR, DESDE QUE NÃO SE ASSISTA EM VIDEO CASSETE. SOMENTE É PERMITIDO FILMAR E REPRODUZIR IMAGENS NÃO PECAMINOSAS E QUE NÃO CONTRARIEM A SÃ DOUTRINA. (Tt 2.12; I Jo 2.16,17; Gl 6.14; Tg 4.4; Gl 5.24.25; Is 33.15,16).

²⁵ Este número é tempo da “disciplina, conforme definição na nota 10.

²⁶ “Em todos os itens onde for aplicada uma disciplina, a mesma será constituída de um período de aconselhamento em cultos de doutrina, orações quatro vezes por semana, vigílias uma vez por semana e campanha de sete dias seguidos. A cada mês durante a disciplina o membro fica temporariamente sem participar da Santa Ceia, mas poderá participar das atividades de evangelização. Neste período, receberá apoio e orientações do grupo de apoio disciplinar. Rm. 12.1; I TM. 6.1; I PE 4.7; EF. 6.10.11; PV. 8.17; RM. 12.11,12” (pagina 41)

RÁDIO, INTERNET, CDS, MP3 E ETC (G-4).

NÃO É PERMITIDO OUVIR MÚSICAS E PROGRAMAS MUNDANOS:

MEMBROS: 60 DIAS

OBREIROS: 120 DIAS (VER G-O). (Tt 2.12; I Jo 2.16,17; Gl 6.14; Tg 4.4; Gl 5.24.25; Is 33.15,16).

Desconsiderando o aspecto mais folclórico do fato de que é permitido filmadora ou projetor, mas não videocassete e TV, o RI da década anterior não falava de internet, mp3, etc. O que é relevante é o “legalismo” das regras não precisar ter coerência entre si. Elas não existem por lógica, mas para “ordenar o sentido” (Berger, 2004).

Mas antes de uma análise do site, vejamos alguns de seus itens técnicos²⁷: “O site foi desenvolvido de maneira antiquada através de tabelas, não através de CSS. Não está de acordo com a norma W3C. Utiliza banco de dados, e linguagem ASP, com recursos de javascript. Possui muitas mensagens e conteúdo em áudio e nenhum vídeo. Não possui abertura para comentários. Não possui links para redes sociais, como *Orkut*, *Twitter*, etc. Feito totalmente em Flash, tecnologia de desenvolvimento de sites que possui maior flexibilidade de layout, porém, não é varrido pelo Google, e é mais pesado para carregar”.

V. INTERPRETANDO OS VALORES DA IPDA NA WEB

Qual é, afinal, a “razão” da presença online desta expressão religiosa? Acima das questões teológicas e técnicas já apresentadas, iremos, neste ponto, indicar outros fatores. Não é, evidentemente, uma delimitação final

²⁷ Contribuição do webdesigner Alexander Carrier.

e fechada, mas apenas uma introdução à análise, pois, este debate ainda está em seu início.

a) O rito de reforço:

DaMatta (1990; 1997) tem um conceito chamado de “rito de reforço” que nos ajuda neste entendimento. É uma forma orgânica de (re) ordenamento do mundo, e (re)afirmação do poder e da autoridade tanto da instituição como dos líderes. O site existe, prioritariamente, para reforçar a identidade da denominação, e esta existe, exclusivamente, em função do nome do fundador: *David Miranda*. Tudo, absolutamente tudo, gira em torno dele e, posteriormente, da família. (Isso é o próximo ponto). O site não tem nenhum – literalmente – link para qualquer outro site. Muito menos religioso, afinal um membro da IPDA não pode ter nenhum relacionamento com membro de outra igreja.²⁸ Aliás, isso é padrão de todos os sites das empresas, jornais, bancos, etc. – ninguém divulga a concorrência. O fiel que entre no site²⁹ vai ver exclusivamente o conteúdo dele. E nele tem “tudo” o que o fiel da igreja precisa: endereços no Brasil e no mundo com os horários de reuniões; orações; mensagens e textos devocionais, músicas da gravadora da *Voz da Libertação*, material infantil, informações institucionais. E, navegando nas páginas, o banner acima continua onipresente em todo seu percurso com as fotos do *Templo da Glória de Deus* e a do DM, afinal o “grande irmão está te

²⁸ “Membros ou obreiros que forem se casar em outros ministérios serão disciplinados” – RI, p. 27.

²⁹ Apesar da tentativa, em entrevistas informais com membros da IPDA, encontrei pouco entusiasmo com o mesmo. Os idosos me disseram não ter visto ou não saberem usar internet; jovens, preferem o *Orkut* ao site da Igreja. Mas durante duas semanas seguidas, de 12/04 a 30/04/2010, em que acompanhei o site diariamente, sempre tinha mais de 300 pessoas online. O pico foi de 889 pessoas à noite.

observando”.³⁰ Mas qual é a função do *mito*, senão esta? Dá *sentido* ao mundo. Se não ao mundo todo, ao mundo de seu domínio.

b) Reafirmação autoritária e patrimonialista:

É um tanto óbvio que uma instituição indique seu fundador. Numa instituição religiosa, fundamentada em carismas, mais ainda. O original do site é que, além da figura do DM, toda a família – esposa, filhos³¹, genro³² e filha, nesta sequência – seja também “sagrada”. Com fotos, agendas e mensagens a “família sagrada” impera. Esta denominação está presente em mais de cem países e em todo o território brasileiro, tem, então, diversos outros pastores e líderes, mas nenhum aparece. No site, aparecem como pastor, além do DM, seus dois filhos e o genro.³³ O site, como a igreja, é patrimônio da família.³⁴ No início desta pesquisa, para mim, era fundamental saber duas questões: a data da entrada na

³⁰ Como na paródia de George Orwell.

³¹ Os dois filhos são pastores, mas as noras, diferentes do genro, não aparecem. Seus nomes nem na agenda aparecem, mas serve inclusive como denuncia de pouca atuação, principalmente, em relação ao cunhado Pr. Lourival. Nota-se, então, que eles aparecem apenas por serem filhos do DM. Neste caso, DM é o mito, seus filhos a “mistificação”, como na interessante análise de Stahl (2002:4).

³² Neste caso, apenas o genro Pr. Lourival de Almeida, pois o outro genro, Pr. Sergio Sóra, casado com a outra filha, Leia Miranda, não são citados. Ele era o líder da IPDA no RJ, mas brigou com o sogro, e fundou a *Igreja Evangélica Vida em Cristo* (Mendonça, 2009:136-137).

³³ “A IPDA reconhecia, na década de 80/90 apenas três pastores, cujo numero foi aumentando sempre que presbíteros eram enviados ao exterior e depois de um certo tempo voltavam com o título de pastor (...) No Brasil, eram presbíteros ou diáconos ou obreiros; mas, no exterior eram pastores” (Mendonça, 2009:54). Na diretoria da Igreja relacionada em 1999, por Mendonça, aparece apenas um outro pastor além de DM.

³⁴ Esta afirmação “patrimônio” pode ser lida apenas retoricamente, Emilio Mendonça (2009), comprova com documentos de cartório que os prédios da IPDA, diferente do que se dizia recorrentemente e como é comum em muitas igrejas, não estão no nome do DM ou de membros da família. Estão no nome da igreja. Mas o domínio do site, está no nome da filha.

web e quem tomou a iniciativa.³⁵ O registro do domínio foi realizado dia 03/11/1997, por Debora Oliveira de Miranda Almeida, filha do missionário e esposa do Pr. Lourival.³⁶ Quem teria a coragem de propor esta modernidade e convencer o Davi Miranda, em 1997, da necessidade de um site, senão alguém da família?³⁷

c) **Compensação midiática:**

DM poderia hoje na acirrada concorrência entrar na TV para disputar espaço com o RR Soares e Valdemiro³⁸? Não por lhe faltar dinheiro, mas porque *ser contra a TV* foi uma de suas marcas. Daí, como ele nunca foi contra a internet, pode agora usá-la. Admitir a internet não é negar nenhuma “doutrina”, pois esta, enquanto mero elemento tecnológico, físico, concreto não tem “valor espiritual”. Seu uso é instrumental, não valorativo. Uma igreja, como qualquer empresa ou órgão, fora da mídia caminha para extinção – senão estar na mídia é porque já morreu. Note-se que, fundada em 1962, no mesmo ano inicia um programa na Radio Industrial, mas somente em 1999 tem publicações

³⁵ Minha suspeita se confirmou: era alguém da família. Em entrevistas com membros e ex-membros da igreja, e com o responsável pelo site, ninguém soube (ou quis) responder.

³⁶ Debora e seu marido Pr. Lourival são os líderes dos jovens e, parecem, representam o que existe de mais moderno na Igreja. Na Revista Jovens, em 1999, os membros do editorial tem emails, algo que a revista oficial da igreja só vai apresentar em 2002, aliás, emails com o domínio @ipda.

³⁷ Há uma longa e tenebrosa história de conflitos familiares. Outro genro que alcançou proeminência na IPDA no RJ, saiu e fundou uma igreja. Há muitas outras histórias de “desvios” e “reconciliações” dos outros dois filhos, ambos pastores com fotos, mensagens e agendas no site. Mas pela periodicidade da agenda dos mesmos percebe-se que eles são poucos ativos. A Debora e esposo Lourival, pela agenda publicada, são, sim, bem ativos (Mendonça, 2009).

³⁸ *A Igreja Mundial do Poder de Deus* e *a Igreja Internacional da Graça* (como todas as novas igrejas, todas com pretensão global) são hoje, o que foi o DM e a IPDA na década de 60. Semelhanças e diferenças, dialeticamente.

escritas, com a revista *Ide(abril)* a *Expressão Jovem(dezembro)*. E apenas em 2003 lança o Jornal *O Testemunho*. Como, então, enfrentar a concorrência e sobreviver sem afrontar a “sã doutrina”? A “tecnologia torna-se um meio de salvação” (Stahl, 2002:6) e esta “força salvífica” da internet efetua não apenas a “salvação” das pessoas, mas – e principalmente – das instituições.

d) Racionalização econômica:

Aqui está o aspecto mais interessante da presença na web: a internet como elemento instrumental econômico. Religião é (Weber nos ensinou isso³⁹), sobretudo, alguma forma de racionalidade econômica. Por mais carismática que esta religião seja, ela precisa ter algum elemento racionalizado. Quanto maior for sua racionalidade econômica, maior sua eficácia – a IURD que o diga. Nisso, portanto, a IPDA não fica devendo a nenhuma empresa ou igreja. Na sub pasta *Informações* há diversas opções: *Linha 0800, Caravanas, Equipe de Visitas, Congressos e Eventos, Serviços Internos e Configuração de Satélite*. A opção *Serviços Internos* é um primor; lá estão para downloads *Ficha de cadastro de obreiros (em português e espanhol), Ficha de Cadastro Pão e Vida, Ficha de transferência de material da Livraria, contrato de locação de imóvel, contrato para rádio*. Com igrejas espalhadas em todos os estados brasileiros, e em quase todos os países latinos, além da Europa, África e Ásia, tendo estes documentos com fácil acesso para seus obreiros (em português e espanhol), é uma extraordinária economia de correios e telefones

³⁹ “A ação ou o pensamento religioso ou “mágico” não pode ser apartado, portanto, do círculo das ações cotidianas ligadas a um fim, uma vez que também seus próprios fins são, em grande maioria, de natureza econômica” (Weber, 1998:279).

interurbanos. Se nada mais justificasse a “adesão moderna”, isso já seria razão suficiente.

e) Passividade & Interatividade:

Stahl (2002:13-14) afirma que “um dos efeitos da ciberespiritualidade é a passividade”. O sonho místico ou mistificado, não proporciona necessariamente uma “participação ativa na construção desta realidade”. Se o fiel pode ouvir as mensagens do DM, ler os textos da família, ouvir as músicas da *Voz da Libertação*, identificar os endereços e horários no mundo, além de ter disponíveis todas as informações institucionais, o que ele precisa mais? Afinal, só existe a igreja e o mundo. Como do mundo nada (absolutamente nada) presta ou lhe interessa, resta apenas a igreja – e sem dúvida, unicamente, *esta igreja*. Nisso, aliás, a IPDA é coerente.⁴⁰ Quem não obedece rigorosamente as interdições do RI é “disciplinado”. Seu controle sectário e extremado é, internamente, soberbo: não se faz concessão ao mundo. O recado aos membros, ou aspirantes, é claro. Ser membro da IPDA é assumir essa postura, levar o RI para o culto de doutrina para ser consultado e segui-lo. Igualmente ao sistema militar, há uma hierarquia a ser respeitada e um código de conduta a ser seguido. E quem opta por segui-la, desde o início, já sabe: é este o modelo. E, na excepcionalidade de uma situação ainda não definida pela Diretoria, não tomar nenhuma posição. É esperar a ordem.⁴¹ De acordo com a distinção apontada por

⁴⁰ A “instância de validação do crer” é seu grau de coerência comunitária, portanto, interno, a autenticidade é mútua e estas relações se validam a partir do indivíduo de forma subjetiva. Ver Hervieu-Leger, *apud* Jungblut (2009:17).

⁴¹ “As instituições foram criadas para aliviar o indivíduo da necessidade de reinventar o mundo a cada dia e ter de se orientar dentro dele” (Berger, 2004:54).

Helland (2005:1), entre *onlinereigion e religionline*, em que na primeira é “onde as pessoas poderiam agir com liberdade irrestrita e um alto nível de interatividade” e na segunda existe “apenas a informação religiosa e não a interação”, a presença da IPDA, é visceralmente vinculada a segunda. É bom lembrar, entretanto, que não difere dos sites de todas as demais igrejas, sejam tradicionais ou pentecostais. O site existe como um elemento instrumental, com funcionalidade identitária institucional; estes grupos usam a internet sem aderir aos seus valores. Os mecanismos são “santificados”⁴² enquanto os valores podem ou não permanecer “mundanos”.

f) **Interatividade & controle social:**

Se ainda não sabemos se a internet é liberdade ou prisão; se é uma “terra de ninguém” onde, de forma autônoma e individual, qualquer pessoa pode se conectar ou se é uma nova forma de totalitarismo controlando e produzindo vícios, como então, determinar a conduta religiosa, enquanto sub-cultura, dentro da internet? Os níveis de interação no modelo *muitos-para-todos* ou *um-para-todos*, são bem variáveis e diversos, mesmo de grupos religiosos (Helland, 2005). Na IPDA, a meu ver, tem um agravante: como uma “instituição sectária”⁴³ de controle extremado da conduta, regrado vestimentas, alimentação, lazer,

⁴² A legalização teológica disso é a idéia levítica de que, objetos, lugares, dias e pessoas (como no tabernáculo de Moises, roupas, altares, sábado e sacerdotes) são “santos”, por que lhes é efetuado um processo de “consagração”, ou seja, eles são separados para uso exclusivo.

⁴³ Os guerrilheiros da FARC precisam de autorização da liderança para oficializar um namoro ou consumo de bebidas (*Folha de S.Paulo*, 05.08.2001). Ademais, como todos os militantes de organizações de “esquerda” ou de “direita” tem muitas “limitações” de lazer e vestimentas, por exemplo. Portanto, estas regras não são atraso da IPDA.

política e até mesmo tempo de dedicação a oração; onde o membro, obreiro principalmente, é vigiado em todos os seus passos, na submissão de carimbar diariamente, semanal e mensalmente sua presença nas reuniões da igreja local; e na sede, este controle é feito por leitura de código de barras, pode, permitir que seus membros naveguem na internet? Internet e controle social são antinomias; não seria para esta igreja, então, um suicídio institucional? Talvez sim, talvez não. “Os sistemas de regras éticas, isto é, de moralismos, são impostos sobre as massas por diversas autoridades religiosas (...)” Impor”, em sentido radical, significa formar consciências. As imposições exteriores são suficientes para criar sistemas morais. Precisam ser internalizados. Somente sistemas internalizados são seguros. Apenas comandos tornados naturais podem ser obedecidos em situações extremas. A obediência só é completa quando funciona automaticamente” (Tillich, 2009:188-9). A “sã doutrina”, (como a doutrina militar para militares ou gritos de ordem para torcedores) está tão internalizada em seus fieis membros que os rompimentos acontecem, mas são excepcionais neste grupo. Berger (2005) analisando as “comunidades de vida” e “comunidade de sentido” (tribos, clãs, religiões) explica que elas são menos suscetíveis às “crise de sentido” por que trabalham com valores “supra ordenados da conduta da vida”. O risco existe principalmente para a nova geração de membros. Talvez exatamente por isto, esta igreja tenha poucos jovens.⁴⁴

⁴⁴ Em conversa com membros da IPDA da congregação de Jabaquara, onde no culto estavam apenas dois senhores e três senhoras, perguntei sobre os jovens. A senhora me disse: “Aqui não tem jovens, nem na outra igreja mais próxima. O trabalho dos jovens é apenas na sede”. Algo visível, por exemplo, nas fotos do site e nas publicações, há majoritariamente senhoras.

g) **Construção identitária online:**

Evidentemente há um abismo entre a geração do DM e seus primeiros seguidores na década de 60 e os novos; sua família é uma prova disso, e se ele não conseguiu manter seus filhos dentro de seu modelo, muito menos os demais. Mas a informática não funciona exatamente assim: programas modernos com grande velocidade em máquinas adaptadas, sempre precisam de atualizações. A nova geração da IPDA está construindo sua identidade a partir da mensagem do DM, da tradição da igreja, mas também do “novo modelo virtual”, inclusive, por causa do site da igreja. É uma identidade online, virtual, e por mais arcaica que a igreja seja – ou proclame ser – novos elementos são adicionados nesta construção. Ela é ainda hoje uma “ilha de sentido” (Berger, 2005:43), mas, exatamente por ser ilha, é que pode ser alcançada por muitos lados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A web, dentre as muitas simbologias, pode ser também um mar; o site é um dos inúmeros rios que nela deságua. E, apesar de, às vezes, ter uma nascente única, pode também no percurso, receber água – e muitos outros elementos – de muitos afluentes. Nascentes distintas, afluentes múltiplos, rios diversos, águas de todos sabores, vão todos para o mar. Mar único, mas não homogêneo. De verdade, são mares e mares imensos; águas e águas complexas; espaços e espaços variados. E, às vezes, revoltos. No final, um só mar, mas também muitos. Como na web, uma só, mas também muitas.

O que poderá vir depois disso? Como será a IPDA pós-DM? Quem irá controlar este *leviatã*? Como a nova geração da web na IPDA lidar com isso? Como manter o internauta preso a este site? Como se pode

acreditar que quem acessa a este não poderia, e deveria, também acessar outro? E tendo acessado outros sites – melhores, mais modernos, mais interessantes ... – por que voltaria a este? Quais os motivos que o levariam a voltar? Ou mesmo ficar preso ao primeiro? São perguntas tão complexas e difíceis de responder, como as próprias que se fazem sobre a internet.

A IPDA tenta se manter fiel às origens de 1962. Proclama seu conservadorismo com orgulho em todas as publicações, mas basta conferir o RI atual com os anteriores para se notar as mudanças. Ao longo dos anos, tem atenuado as penalidades de exclusão. Até a década de oitenta, a prática de homossexualismo ocasionava dez anos de “disciplina”, e, no atual RI, são (apenas) seis anos. Se era pecado e, continua pecado, por que a diretoria altera (para *menos* e não para *mais*) a penalidade? Pode não ser uma mudança significativa, mas é sinal de que algo – bom ou ruim – está acontecendo. O mesmo poderia ser dito sobre sua adesão ao mundo virtual. É um avanço.

O fascínio que a internet produz hoje sobre a sociedade é imenso e irresistível, até mesmo para a IPAD. Como Mefistófeles e Adão, nas criações literárias, o fascínio pelo poder age de diferentes formas. E produz distintas liberdades ou tragédias, mas céu e inferno não precisam ser necessariamente paradoxais, pois, são complementares. O processo ainda esta sendo realizado com idas e vindas. Muitas *atualizações* ainda deverão ser feitas, diversos *upgrades* realizados. O fascínio é imenso, mas o *download* é lento.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon F. **Protestantismo tupiniquim**: hipóteses sobre a (não) contribuição à cultura brasileira. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

ALENCAR, Gedeon Freire. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembleias de Deus – 1911-46**: origem, implantação e militancia. Dissertação de Mestrado, UMESP, 2000.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1973.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

CAMPOS, Leonildo S. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro**: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. Religiosidade no Brasil, Revista USP, vol. 67, setembro, outubro, novembro/2005.

CORREA, Marina, A.O.S. **Alteração das características tradicionais da Igreja Assembleia de Deus**: um estudo a partir da Igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo, Dissertação de mestrado PUC SP, 2006.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

FERNANDES, Rubem César. O debate entre sociólogos a propósito dos pentecostais. In: Cadernos do ISER 6, 1977.

HELLAND, Christopher – Online religion as lived religion. Methodological issues in the study of religious, Online – Heidelberg Journal of Religions on the Internet 1.1. - 2005.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **O mercado religioso brasileiro e a internet**. 33º Encontro da ANPOCS, GT 34 – Religião e Sociedade, 2009.

MENDONÇA, Emilio Zambon. **Igreja pentecostal “Deus é Amor”**: origens, características e expansão. Dissertação de mestrado, UMESp, 2009.

PASSOS, João Décio. **Teogonias urbanas**: o re-nascimento dos velhos deuses. Uma abordagem sobre a representação religiosa pentecostal, tese de doutorado, PUC-SP, 2001.

PIERUCCI, Antonio Flavio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conflito em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2003.

ROSANO NUNES, Maria José. O catolicismo sob o escrutínio da modernidade. In: SOUZA 2004.

SOUZA, Beatriz Muniz; MARTINO, Luis Mauro Sá (Orgs.). **Sociologia da religião e mudança social**: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

STHAL, William A. **Technology and myth**: implicit religion in technological narratives. Implicit Religion, vol. 5, n. 2, november, 2002.

TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. UNB, Brasília, 1998.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2002.